



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 18 | Nº. 34 | Jan./Jun. de 2026

**Anne Thereza de Almeida Proença**

Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ

anne\_proenca@hotmail.com

## ESPAÇO DE CURA OU CENTRO DA PESTE? A polêmica que envolveu o Instituto Sanitário Hidroterápico e a Armada Imperial na Nova Friburgo oitocentista.

---

### RESUMO

O objetivo do artigo é analisar a controvérsia em torno da possível venda do *Instituto Sanitário Hidroterápico* para a Marinha do Brasil, conhecida como *Armada Imperial*, na Nova Friburgo do final do século XIX. Para esta investigação, foram selecionados editoriais publicados no jornal *Diário de Notícias*, que registravam tais negociações e moldaram os debates públicos, ressaltando o papel da imprensa também como um agente histórico. Esta análise nos proporcionou uma compreensão mais profunda dos atores envolvidos, abrangendo não apenas a disputa central, mas também as concepções sobre espaços de cura e de doenças, bem como as críticas e contradições sobre a prática da Hidroterapia.

**Palavras-chave:** Nova-Friburgo; Hidroterapia; Marinha.

---

### ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the controversy surrounding the possible sale of the *Hydrotherapy Sanitary Institute* to the Brazilian Navy, then known as *the Imperial Armada*, in Nova Friburgo during the late 19th century. The investigation draws on editorials from the newspaper *Diário de Notícias*, which documented the negotiations and shaped the public debates, underscoring the role of the press as a historical agent. This analysis provides a deeper understanding of the stakeholders' perceptions, encompassing not only the central dispute but also conceptions of healing spaces and illnesses, as well as the criticisms and contradictions inherent in the practice of Hydrotherapy.

**Keywords:** Nova-Friburgo; Hydrotherapy; Navy.

## Introdução

Na primeira página edição do dia 9 de setembro de 1889 do jornal *Diário de Notícias*, a coluna denominada *O Beri-Beri em Friburgo* é classificada como uma petição “em nome do povo de Nova Friburgo e dessa parte seleta dos habitantes do Rio de Janeiro, que anualmente procura nas amenidades daquele bom clima refúgio precioso contra as inclemências do verão nesta capital” e endereçada ao Ministro da Marinha, José da Costa Azevedo, o barão de Ladário.

A investigação sobre a referida publicação revelou uma série de editoriais homônimos veiculados no segundo semestre de 1889 pelo periódico carioca *Diário de Notícias*. A partir do levantamento dos exemplares disponíveis na *Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional*, adotou-se a análise qualitativa deste acervo como procedimento metodológico, tornando-se o ponto de partida para o exame crítico e interpretativo que será apresentado ao longo deste artigo.

Atualmente, sabe-se que a beribéri é uma doença causada por deficiência nutricional de vitamina B1. Porém, no século XIX, a beribéri era uma enfermidade cuja causa era atribuída aos denominados *miasmas*, sobre os quais explicaremos mais à frente, e conhecida por se manifestar de três formas principais: “1ª aquela em que predomina a paralisia; 2ª aquela em que predomina o edema; 3ª a que pode se chamar de mista, isto é, a que participa igualmente de ambos aqueles sintomas” (CHERNOVIZ, 1908, p. 1.471). Em seu *Formulário e Guia Médico*, Chernoviz (1908) indica que era uma doença típica dos climas tropicais, com episódios de epidemia, como na então Província da Bahia, em 1866, e em acampamentos do exército brasileiro no Paraguai e na então Província de Mato Grosso. Indicava-se ao paciente uma mudança de onde fora contraída a enfermidade, de preferência para locais fora da zona intertropical. Caso não fosse possível, buscassem cidades consideradas ideais pelos médicos para auxiliar no tratamento. Chernoviz (1908) cita o exemplo da Ilha de Itaparica, para os enfermos baianos, porque “a água potável é ali abundantemente excelente, o terreno arenoso e enxuto, há uma espaçosa praia de banhos” (CHERNOVIZ, 1908, p. 1.474).

A Nova Friburgo oitocentista, localizada no interior da então Província do Rio de Janeiro, era também considerada um verdadeiro sanatório natural à época, por reunir as características adequadas, segundo à *topografia médica* ligada à teoria infeccionista, também chamada de teoria dos *miasmas*, melhor aceita entre a comunidade médico-científica oitocentista. Segundo esta teoria, o ar contaminado

pelo desprendimento de partículas do solo, denominados *maus ares* ou *miasmas*, teriam influência direta na saúde ou doença de uma pessoa.

A *topografia médica*, então, apontava que as regiões consideradas ideais para auxiliar nos tratamentos tinham como principais referências serem locais elevados, com maior ventilação, cuja água fosse corrente e abundante (SIGAUD, 2009). Assim, a classificação de salubridade ou insalubridade de uma região dependia do seu ambiente, inclusive o social. Por isso, Nova Friburgo apresentava-se como destino ideal tanto dos habitantes da Corte, tanto dos enfermos em busca de suas curas, quanto dos veranistas, que buscavam fugir do calor do Rio de Janeiro e de suas constantes epidemias (PROENÇA, 2017).

Observa-se ainda um comprometimento das autoridades friburguenses na manutenção de um ambiente preparado para garantir uma vida saudável à sua população fixa e flutuante. Ações estas que seriam de total importância para garantir um lugar adequado aos enfermos, que apostavam nesta mudança de ares para o restabelecimento da saúde, principalmente nos meses frios, e seguro aos veranistas, que subiam a serra nos meses de calor, buscando evitar e/ou amenizar possíveis focos de epidemias na vila (PROENÇA, 2020). Era necessário, portanto, uma constante limpeza tanto do espaço quanto do corpo.

No século XIX, a água tem seu papel definido na área da higiene pessoal, já que “o corpo seria feito de zonas escuras, espaços escondidos, sujeitos à transpiração, a odores, lugares mais ameaçados pelo sujo que outros. São esses lugares que as lavagens parciais visam com toda prioridade” (VIGARELLO, 2012, p. 380). As bacias dentro das casas passaram a representar um progresso no olhar sobre os benefícios que o corpo limpo poderia trazer para a saúde, acompanhando a emergência das exigências sanitárias impostas pelos discursos higienistas, também parte da corrente infeccionista. Afinal, se o corpo é sensível aos efeitos do meio em que se insere, como apresentamos anteriormente, a água foi considerada um agente modificador e, portanto, deveria ser ministrada por um especialista.

A água, porém, ainda não estava dentro da casa da população e a engenharia hidráulica ainda não estava desenvolvida para tal, só vindo a ser utilizada a partir de uma reorganização urbanística (PROENÇA, 2024). Por isso, aqueles que poderiam pagar por este recurso buscavam as chamadas casas de banho. E cabia às demais camadas sociais os banhos em rios e mares. O século XIX marca o momento em que o estudo científico da água e os saberes sobre seus

benefícios são separados de práticas consideradas populares e que deveriam ser preteridas ao tratamento médico-científico (PROENÇA, 2017).

Neste cenário, em 1871 é instalado no centro da vila friburguense o denominado *Instituto Sanitário Hidroterápico*. O estabelecimento de duchas do médico italiano Carlos Eboli se torna mais um chamariz para movimentar o que podemos hoje chamar de turismo de saúde. De origem grega, a palavra *Hidroterapia* significa “tratamento pela água”. Mais uma vez recorrendo ao *Formulário Médico* de Chernoviz (1908), encontramos a descrição da prática: “consiste na administração da água fria em abundância, quer interna quer externamente, combinada com um meio sudorífico enérgico, fricções prolongadas, exercício quase incessante, regime simples e ar vivo e puro” (CHERNOVIZ, 1908, p. 399). A *topografia médica* é colocada também como condição para que o tratamento alcançasse a eficácia, já a preferência era por um local montanhoso e o inverno era considerada a época ideal para que a realização da prática obtivesse melhores resultados (CHERNOVIZ, 1908).

O *Instituto Sanitário Hidroterápico*, porém, não foi a única experiência de Carlos Eboli com as duchas na região. Antes da construção deste grandioso estabelecimento em Nova Friburgo, o médico italiano promoveu o tratamento de saúde por meio de aplicações de duchas na Fazenda Gavião, em Cantagalo, entre 1868 e 1870. Na propriedade, pertencente à Família Clemente Pinto, o tratamento era realizado em uma casa adaptada, com poucos equipamentos e voltado principalmente aos escravizados (PROENÇA, 2017). Eboli tinha em Antônio Clemente Pinto, o primeiro barão de Nova Friburgo, seu principal capital social. Patriarca da família, construiu sua riqueza por meio do comércio na cidade do Rio de Janeiro, principalmente na área de compra e venda de cativos, que foi posteriormente investida em terras e mão de obra para suas quinze fazendas cafeeiras na região denominada *Sertões do Macacu*. O barão confirmava seus discursos a favor da prática hidroterápica e os bons resultados dos tratamentos aplicados aos escravizados (PROENÇA, 2024).

A experiência com as duchas na Fazenda Gavião foi base para a escrita de *Hydrotherapia* (1871), memória apresentada por Carlos Eboli para se tornar membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. Logo na primeira página desta memória, Carlos Eboli demonstra seu interesse em possuir seu próprio empreendimento (PROENÇA, 2024). E assim o fez, juntamente com seu

sócio, o também médico Fortunato Corrêa de Azevedo. Além do clima, considerado um verdadeiro sanatório natural e indicado como ideal para o tratamento hidroterápico, Eboli apontou, no discurso de inauguração do *Instituto*, que a vila se apresentava como lugar que melhor receberia esta inédita iniciativa na área. O médico não detalha o motivo desta conclusão, mas podemos indicar que seja por seu foco no desenvolvimento das atividades urbanas, a manutenção do espaço público que reforçasse a identidade salubre da vila e o planejamento da extensão da Estrada de Ferro Cantagalo até a cidade, concluída em 1873, facilitando a chegada da população flutuante, que teria ainda mais um atrativo. Não podemos deixar de ressaltar a influência e investimento da família Clemente Pinto em Nova Friburgo, o que acabou reforçando a escolha da vila para sede do *Instituto Sanitário Hidroterápico* (PROENÇA, 2017).

O *Instituto* foi equipado com aparelhos de duchas e mecanismos para regular a temperatura da água considerados os mais modernos à época, sendo comparados até mesmo aos mais conceituados da Europa. Posteriormente, para completar o pacote que daria eficiência ao tratamento hidroterápico, foi inaugurado o *Hotel Central* em anexo ao prédio das duchas. A primeira década do estabelecimento mostrava uma grande atividade e reconhecimento para além da vila friburguense. Recebia grandes nomes da região e da Corte, que buscavam alívio para suas enfermidades ou apenas desfrutar deste hábito de origem europeia (PROENÇA, 2017).

Os preços do estabelecimento já faziam a seleção daqueles que poderiam ter acesso às famosas duchas de Carlos Eboli. E, por isso, mesmo sem acesso a alguma lista de pacientes, podemos destacar a grande mudança do público atendido entre Cantagalo e Nova Friburgo. Nesta, o *Instituto* passou a ser frequentado por uma maioria elitizada, que teria condições de arcar com os preços tanto das duchas e da hospedagem, quanto pelo deslocamento até a vila (PROENÇA, 2017).

O período final da administração de Eboli pareceu ser de grandes dificuldades financeiras para o estabelecimento, sendo necessário recorrer a estratégias para manter esta grande estrutura em funcionamento e sem perder a qualidade do serviço oferecido. Entre elas, foi por diversas vezes solicitado à Câmara Municipal de Nova Friburgo a diminuição dos impostos cobrados para o funcionamento do *Instituto*, tanto pelo médico italiano quanto pelas direções

posteriores ao seu falecimento, em 1885. Com respostas negativas da administração municipal, outra alternativa foi a diminuição dos preços, que eram mantidos desde sua fundação, numa tentativa de que mais pessoas pudessem recorrer ao tratamento (PROENÇA, 2017). Já na gestão do médico Theodoro Gomes, foi firmado um acordo com a Marinha do Brasil, também denominada de Armada Imperial, para o atendimento aos praças recolhidos à enfermaria instalada em Nova Friburgo.

A partir deste acordo, nos debruçaremos sobre este local como palco deste artigo, cujo objetivo é apresentar a contradição sobre um mesmo espaço, visto como local de reabilitação da saúde/balneário enquanto era o *Instituto Sanitário Hidroterápico*, mas com o risco de se tornar um possível centro de doenças, caso fosse transformado em hospital para marinheiros, mesmo que estes militares já se tratassem regularmente no estabelecimento de duchas.

### **A enfermaria provisória na Vilage e o tratamento no Instituto Sanitário Hidroterápico**

Devido ao grande contingente de marinheiros portadores de beribéri, a Marinha do Brasil construiu uma enfermaria no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, além da que existia na Ilha do Bom Jesus, localizada na Baía de Guanabara. Porém, como afirma Mário Ferreira França (1961), o Ministro da Marinha, indicou que esta enfermaria não produzia os resultados esperados. O clima, mais uma vez, foi colocado como o obstáculo para o sucesso na recuperação da saúde dos pacientes. Era necessário, então, um novo local que estivesse de acordo com a *topografia médica*. Assim,

espalhou-se, célere, a fama da cidade salubre [Nova Friburgo], para a qual convergem os doentes esperançosos de uma cura ou alívio aos seus achaques, naquele ambiente de ar leve e puro, em que a vida desabrocha em manifestações sugestivas de pujanças. Não foi sem razão, pois, que, desde o último quartel do século passado [XIX], cogitasse nossa Marinha de Guerra em eleger essa cidade para sítio de um sanatório naval (FRANÇA, 1961, p. 5)

Segundo coluna publicada na primeira página do Diário de Notícias de 13 de julho de 1889, também intitulada *O Beri-Beri em Friburgo*, o Ministro da Marinha solicitou ao médico Bento de Carvalho e Souza, diretor do Hospital de Marinha da

Corte, que escolhesse um local para o estabelecimento de uma enfermaria para o tratamento dos enfermos de beribéri em Nova Friburgo. Além disso, indicou também que deveria ajustar com o diretor do estabelecimento hidroterápico existente na vila, o médico Theodoro Gomes, o tratamento pelas duchas. Podemos considerar que esta parceria entre a Marinha e o *Instituto Sanitário Hidroterápico* tenha auxiliado também a prolongar o tempo de duração do estabelecimento, por serem uma clientela constante, auxiliando na crise financeira nos últimos anos de funcionamento.

Segundo a *Revista Marítima Brasileira* (1889), em 25 de junho de 1889, foi inaugurada em Nova Friburgo uma enfermaria provisória, regida militarmente, para o tratamento dos oficiais, praças e pessoal da Armada Imperial acometidos pelo beribéri, que fossem transferidos do Hospital de Marinha da Corte. A enfermaria contaria com um diretor e dois auxiliares clínicos, cirurgiões da Armada; um farmacêutico; um primeiro enfermeiro e, caso fosse necessário, enfermeiros auxiliares; dois cozinheiros e oito serventes. Caberia ao diretor da enfermaria comunicar ao diretor do Hospital de Marinha da Corte as ocorrências mais importantes, assim como enviar mensalmente um mapa estatístico do movimento ali registrado. Em casos de óbitos de oficiais, praças ou empregados, deveriam ser sepultados no cemitério da vila friburguense. Determinava ainda que toda equipe da enfermaria deveria residir no mesmo edifício, não podendo ausentar-se dela sem a licença do diretor (AZEVEDO, 1889).

O Hospital da Marinha da Corte abasteceria a farmácia, forneceria os instrumentos cirúrgicos e sua tabela de dieta seria seguida também na enfermaria serrana. Além disso, deveria fornecer as rações, roupas, utensílios e quaisquer outro artigo necessário nos prazos convenientes. A equipe da enfermaria teria direito às rações de embarcados nos navios do porto. O soldo seria recebido mensalmente, assim como gratificações que lhes competissem (AZEVEDO, 1889).

Seguindo o que foi determinado nestas *Instruções para o serviço da enfermaria provisória estabelecida em Nova Friburgo*, coube ao médico Bento Carvalho e Souza apresentar os primeiros resultados dos tratamentos realizados na vila serrana. Na *Revista Marítima Brasileira* (1889), encontramos um comunicado datado de 30 de agosto de 1889, intitulado *Enfermaria dos Beribéricos*. Nele, Carvalho e Souza (1889) informa que, seguindo à ordem dada pelo

Ministro da Marinha, foi visitar a enfermaria dos doentes de beribéri estabelecida em Nova Friburgo. Esta enfermaria foi instalada na localidade denominada Vilage, atualmente um bairro da cidade, muito próximo de onde estava estabelecido o *Instituto Sanitário Hidroterápico* à época.

Segundo Carvalho e Souza (1889), a enfermaria encontrava-se “em muito asseio e limpeza, e os enfermos com boa aparência de saúde e bem-estar, o que tudo dizia que em suas consciências havia a confiança e esperança de breves restabelecimentos (CARVALHO E SOUZA, 1889, p. 459). Indicou ainda que enfermos que lá chegaram paráliticos e com atrofias musculares consequentes da moléstia ainda se achavam enfraquecidos, mas que apenas “depois de trinta e tantas duchas é que deixaram as muletas e principiam a caminhar sós e apenas firmados em suas bengalas”. (CARVALHO E SOUZA, 1889, p. 459). Lá existiam 61 enfermos, dos quais mais de 20 já com indicação de alta devido ao sucesso do tratamento. Ressaltou ainda a inexistência de óbitos.

Carvalho e Souza (1889) indica que o tratamento ainda consistia em uma alimentação farta e adaptada ao estado de cada paciente, vinhos reconstituintes, tônicos, passeios ao ar livre e exercícios, além das duchas simples e escocesas, aplicadas no *Instituto Sanitário Hidroterápico*. Sobre o tratamento através da água, Carvalho e Souza ainda remete ao Ministério da Marinha, em 14 de setembro de 1889, o mapa dos doentes de beribéri tratados no *Instituto*, com observações que o diretor da enfermaria, o médico Galdido Cícero de Magalhães, lhe enviara em 9 de setembro sobre as duchas aplicadas entre os dias 29 de julho e 31 de agosto. Magalhães (1889) defende que as duchas aplicadas com método e cuidado se mostravam um método terapêutico eficaz e de grande alcance. E os resultados desta prática nos enfermos animava a administração mesmo que, no começo, tenha receado utilizá-lo.

Os mapas enviados compreendiam 50 doentes de beribéri, que foram submetidos ao uso das duchas durante os 34 dias do período informado. Magalhães (1889) relatou que os enfermos em condições de paralisia foram submetidos às duchas quentes e frias, denominadas escocesas, devido a necessidade de fazer a reação passiva do corpo a mudança de temperatura. Já os pacientes que podiam caminhar foram submetidos às duchas frias. Ainda é indicado que não houve nenhum fato desagradável ocasionado pelo uso do recurso das

duchas. Pelo contrário, que os praças que iniciaram seu tratamento com as duchas desde o começo apresentaram significativas melhoras.

Porém, tanto a remoção de pacientes quanto a escolha pelo uso da Hidroterapia também foram alvo de críticas do editorial da primeira página do Diário de Notícias de 13 de julho de 1889, citado anteriormente. Ali é indicado que a determinação do Ministro da Marinha pela instalação de uma enfermaria em Nova Friburgo não consultou o interesse da fazenda, nem do público e nem dos próprios pacientes.

Segundo o editorial, não seria interessante do ponto de vista financeiro, manter uma casa alugada como local para esta enfermaria. Ainda mais com denúncias de que ali “falta verdadeiro sistema de esgoto e outros acessórios essenciais, e bem assim comodidades para o pessoal, que as necessidades do serviço obrigam a residir sob o mesmo teto para acudir dia e noite os doentes” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1). O editorial ressalta o perigo da falta de manutenção de enfermarias e hospitais, o que poderia convertê-los quase sempre não mais em espaços de cura, mas em focos de infecção para a circunvizinhança. Era necessário, portanto, manter uma rígida disciplina ao estabelecer uma casa militar de saúde no centro de um pequeno povoado, como Friburgo. E este vai ser um dos argumentos mais debatidos no posicionamento contra a compra do prédio do *Instituto* pela Marinha do Brasil, como apresentaremos no próximo tópico.

A solução proposta seria a compra de uma fazenda na serra, “cortadas de água corrente e via férrea, excelentes em clima, e suscetíveis de adquirir-se por módico preço” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1) e equipá-las com aparelhos de duchas para o número limitado de enfermos, caso quisessem seguir com este tratamento.

A parceria com o *Instituto Sanitário Hidroterápica* é apresentada como prejudicial aos interesses econômicos:

Ajustada como se acha, segundo nos diz, a ducha a mil réis [1\$000], cinquenta duchas diárias custarão ao Estado dezoito contos de réis anuais [18:000\$000]. Se o número de beribéricos se elevar, como se elevou no último estio, a duzentos, esses dezoito contos subirão a setenta e dois [72:000\$000]. Entretanto, com a vigésima parte desta soma criaria o governo, em hospital seu, um serviço de Hidroterapia! (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1).

A escolha pela Hidroterapia também não era um consenso. O editorial defende que o tratamento do beribéri através das duchas não estava comprovado pela ciência, o que não justificava a escolha de Nova Friburgo para a sede de uma enfermaria e, posteriormente, de um hospital mais completo. Defendiam que o principal fator de melhora dos pacientes estava na mudança do meio em que viviam, aproveitando-se dos ares da serra, recomendados para o reestabelecimento de doenças.

E este fator, por si só, já faria desaparecer a vantagem da remoção dos pacientes para Nova Friburgo, cujo trajeto também seria custoso. A viagem entre Niterói e Nova Friburgo, pela Estrada de Ferro Cantagalo, segundo a publicação, demorava mais que quatro horas e as partidas do trem eram feitas quase sempre pela manhã. E demandava o acompanhamento de um ou mais médicos aos doentes removidos para Nova Friburgo.

Como respostas às críticas sobre a utilização do tratamento hidroterápico, Magalhães (1889) apresenta as duchas como um medicamento nervo-muscular, cuja ação e reação do corpo às temperaturas e pressões dos jatos de água a colocam como uma alternativa eficaz no tratamento do beribéri, combinada aos métodos de fortalecimento do corpo indicados anteriormente. Indica ainda que o recurso deveria ser aplicado por médicos. O médico-diretor da enfermaria naval da Vilage ressalta a medicina como uma ciência de observação e experiência. Por isso, ao responder às críticas, defendeu que

Se número maior de 1.600 duchas, distribuídas por 50 doentes, em 34 dias, sem ocorrência alguma desagradável e com vantajosas melhoras não são suficientes para confirmarem os seus créditos no tratamento do beribéri, devem, pelo menos, encorajar os que se lembraram de empregá-las nos enfermos da marinha (MAGALHÃES *apud* CARVALHO E SOUZA, 1889, p. 444-445).

Concluindo suas observações sobre o mapa de enfermos submetidos às duchas, Magalhães (1889) indica que foram aplicadas 220 duchas escocesas e 1.377 duchas frias ou simples, que auxiliaram na alta de 25 praças: 5 curados de paralisia, 5 de edematosas e 5 de ambas as sequelas do beribéri. Diante dos resultados apresentados, o Ministério da Marinha considerou ter sido um grande acerto a transferência do local de tratamento da Ilha do Bom Jesus e de Copacabana para Nova Friburgo.

Os resultados, consideravelmente melhores do que aqueles obtidos nas enfermarias do Rio de Janeiro, também contribuíram para que a Hidroterapia continuasse a ser considerada uma prática de tratamento eficaz e que o estabelecimento de duchas friburguense, mesmo longe do seu auge, ainda fosse uma referência de reestabelecimento da saúde, inclusive na Corte.

### **O espaço de cura não deve se transformar no centro da peste!**

Os bons resultados colhidos desta experiência em Nova Friburgo reforçaram o interesse da própria Marinha do Brasil em adquirir um prédio maior e com uma estrutura apropriada para receber estes militares enfermos e convalescentes. E com a conhecida situação financeira do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, a compra do prédio apresentou-se como uma solução ideal para a Marinha do Brasil, acostumada com sua estrutura e recursos disponíveis. Em contrapartida, era uma situação desconfortável para os moradores da cidade, que ficaram “temendo a possível indisciplina dos marinheiros e o perigo eminente de contaminação, pois, na opinião geral, um hospital de beribéricos seria um bem-organizado centro de irradiação de peste” (ARÊA, 1960, s/p.).

O editorial intitulado *O Beri-Beri na Marinha*, publicado na primeira página do Diário de Notícias de 11 de outubro de 1889, ainda fortalece esta visão ao publicar trechos de dois ofícios que seriam de autoria do 1º cirurgião e diretor da enfermaria de Friburgo, Galdido Cícero de Magalhães. Trechos que teriam sido censurados pelo diretor do Hospital da Marinha da Corte, Bento de Carvalho e Souza, ao apresentar os primeiros resultados da enfermaria friburguense ao Ministro da Marinha, José da Costa Azevedo, o qual apresentamos no tópico anterior. E que ainda confirmavam as críticas feitas no editorial *O Beri-Beri em Friburgo* de 13 de julho de 1889.

Nestes documentos, teria sido indicado principalmente à falta de condições higiênicas necessárias para uma enfermaria e uma estrutura insuficiente para receber a quantidade de doentes que chegavam da Corte, gerando uma aglomeração dos enfermos nos dois edifícios que, segundo teria registrado Magalhães (1889), não podem comportar mais do que 35 pacientes.

Ainda no editorial de 11/10/1889, destacou-se a comunicação feita pelo Conselheiro Carlos Frederico à Academia Imperial de Medicina, na qual atribui-se

ao diretor do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, o médico Theodoro Gomes, a decisão de suspender a aplicação de duchas aos doentes provenientes da enfermaria da Vilage no último dia do mês de outubro. Esta decisão teria sido motivada pela crescente circulação da ideia de que a beribéri seria de caráter contagioso e “a promiscuidade dos praças com os seus doentes, que procuravam as duchas, produziu a repugnância, obrigando-os a abandonar a casa” (*Diário de Notícias*, 11 out.1889. p.1). Pelo que podemos entender das informações disponíveis no editorial *Os Beri-Béricos em Friburgo*, publicado na primeira página do Diário de Notícias de 02 de outubro de 1889, o Conselheiro Carlos Frederico foi enviado para inspecionar a enfermaria da Vilage, depois de ter se manifestado abertamente contra ela em seção na Academia Imperial de Medicina.

Sem concordar com a aplicação do tratamento hidroterápico, Carlos Frederico (1889) defende que os doentes têm restabelecido sua saúde devido à influência benéfica do clima da região. O Conselheiro ressalta que, se a Hidroterapia fosse diretamente responsável pela cura, os enfermos da Corte também teriam sido curados, já que lá também existiam estabelecimentos de duchas. A remoção de doentes para Nova Friburgo, portanto, geraria apenas problemas para a vila, já que o beribéri teria característica de se aclimatar em localidades que, até então, eram consideradas como sanatório natural, atacando seus habitantes. O que justificaria o temor da população permanente e flutuante de Nova Friburgo sobre a instalação de um hospital especializado para o tratamento desta enfermidade bem no centro da vila.

O médico Theodoro Gomes, diretor do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, se pronunciou através da coluna intitulada *Beriberi na Armada*, publicada na segunda página do Jornal do Commercio de 4 de outubro de 1889. Ele aponta que a instalação da enfermaria provisória para o tratamento de praças da Marinha era alvo de discussões, não só nos limites de instituições médicas, mas também ocupando espaço na imprensa. Diz que procurava se manter afastado dos debates por lhe parecer de caráter pessoal, político e científico. Porém, devido ao editorial publicado no Diário de Notícias de 02/10/1889, se viu obrigado a protestar contra o que considerou opinião inexata e agressiva sobre o tratamento do beribéri pela Hidroterapia. Ele afirma que respeita o posicionamento daqueles que defendem a influência da remoção do paciente e do clima para a eficácia do tratamento, mas

que de modo algum abala sua convicção sobre o valor da Hidroterapia na cura e nos resultados obtidos na enfermaria friburguense.

É interessante observar que, nestes editoriais, a Hidroterapia é tratada de dois modos diferentes. Na defesa da manutenção do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, o tratamento pela água é colocado como grande feito científico e essencial para o cotidiano da vila serrana, como apresentaremos mais à frente. Porém, quando se trata da cura do beribéri, o discurso desqualifica a prática como alternativa eficaz. O Conselheiro, por exemplo, indica que a remoção dos enfermos para longe do foco de infecção era o verdadeiro ponto chave do sucesso da enfermaria friburguense.

Colocando-se como “eco, rigorosamente exato, das apreensões sob que se acham, quase aterrados, os habitantes daquela região” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1), o editorial com o qual iniciamos este artigo, teria como finalidade principal conseguir especiais atenções por parte do governo quanto o crescimento do número de doentes da Marinha que circulavam por Friburgo. Recomendou ainda que, caso o Ministro da Marinha não esteja convencido do agravamento da situação, que mandasse a Nova Friburgo um comissário de sua confiança para “inquirir ali mesmo o estado dos ânimos e das consequências da enormidade que se projeta pelo Ministério da Marinha” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1).

Além das questões técnicas apresentadas nos editoriais, indicando o quanto a instalação da enfermaria da Vilage prejudicaria os interesses do Tesouro e “contrariavam seriamente os da população permanente e flutuante de Friburgo, ameaçando-a na sua salubridade, na sua civilização e na sua segurança” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 9 set.1889. p.1), também passam a relatar os problemas sociais da presença de muitos marinheiros na vila. Sem a disciplina necessária a uma casa de saúde militar e nem uma repressão policial eficaz, “tem sido um elemento de insegurança, desordem e alvoroço entre os hábitos morigerados e pacíficos daquele povoado (...) justificados por incidentes, que se multiplicam e engravescem com o correr do tempo” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 9 set.1889. p.1).

Em discurso na Academia Imperial de Medicina, publicado em editorial intitulado *O Beri-Beri na Marinha*, na primeira página do jornal Diário de Notícias de 8 de outubro de 1889, o médico Fernando Francisco da Costa Ferraz apontou que o beribéri se transformou em “arma de vadiagem e malandragem de muitos praças

da guarnição da armada para chegarem ao descanso e darem um passeio a Nova Friburgo” (FERRAZ, 1889, p.1). Confirmando sua percepção, o médico indica ainda que o diretor da enfermaria friburguense, Galdido Cícero de Magalhães, denunciou formalmente que estes praças simulavam estarem acometidos pela doença e pioras nos seus estados para evitarem a alta:

Propositalmente ocultei que ia dar altas, de modo que todos correram aos banhos, apresentando-se fortes e apostando carreiras na distância maior de um quilômetro! Quando eles regressaram das duchas, mandei separar 24 dos mais fortes.; então, caso estupendo, alguns começaram a manquejar pedindo para não seguir (MAGALHÃES *apud* FERRAZ, 1889, p. 1).

Mais uma vez, observamos denúncias de que o documento remetido por Magalhães ao diretor do Hospital de Marinha da Corte, Bento Carvalho e Souza, sofreu censuras ao ser apresentado ao Ministro da Marinha, com o intuito de confirmar o sucesso da enfermaria friburguense. O que possivelmente foi decisivo para reforçar o interesse da Marinha na compra do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, contrariando as recomendações do editorial *O Beri-Beri em Friburgo* de 13/07/1889, para transferir a enfermaria para outra localidade – que apresentasse o mesmo clima, abundância de água, tranquilidade melhores circunstâncias para os pacientes e de boa adaptação ao regime hidroterápico – construída a uma distância suficiente “para manter entre a marinhagem um bom regime disciplinar, e assegurar o povoado contra os desregramentos dela” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1).

Caso se concretizasse, projeto da Marinha do Brasil ainda culminaria na transferência dos enfermos da Vilage para o centro de Nova Friburgo, o que agravaria todas as inconveniências recorrentemente relatadas pelos editoriais publicados pelo Diário de Notícias e ainda privaria a vila da utilização do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, “essencial às necessidades da imigração periódica, que para ali afluí em busca de saúde” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1). E aqui está o ponto chave quando pensamos nas dimensões sociais da doença.

Enquanto o prédio abrigasse o *Instituto Sanitário Hidroterápico*, ele seria reconhecido como um grande atrativo para os visitantes da vila serrana, e que conferia autenticidade a identidade salubre que fora construída sobre ela: “Friburgo sem a sua casa de Hidroterapia, ou, o que a isso vale, com ela ocupada e, portanto,

monopolizada pela marinhagem, seria um corpo condenado a definhar, e perder-se para as suas funções naturais, pela mutilação o seu primeiro órgão de vida.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 jul.1889. p.1).

Observamos este olhar também nos jornais friburguenses, como a publicação intitulada *A Hydrotherapia em Friburgo*, do jornal A Lanterna de 1905<sup>1</sup>. Ela destaca que os fundadores do *Instituto*, os médicos Carlos Eboli e Fortunato Azevedo, ofereceram “serviços colossais” à população da cidade, verdadeiros beneméritos da ciência, e cujo legado foi continuado pelo médico Theodoro Gomes, último diretor do estabelecimento. O *Instituto* acompanhava os interesses da população e das autoridades friburguenses em receber esta população flutuante e manter a cidade como destino de enfermos e veranistas.

Porém, diante da iminente compra do estabelecimento pela Marina do Brasil, o mesmo espaço, com as mesmas duchas e que já recebia os pacientes acometidos pelo beribéri da enfermaria da Vilage, passou a ser visto como um possível centro de disseminação da peste. Principalmente pelo comportamento dos pacientes para qual seria destinado. Por isso,

a inserção da enfermaria naval no centro do povoado seria para ele verdadeira calamidade. Alterar-se-iam, com essa inovação deplorável, todas as condições de paz, higiene e recato, que constituem o principal encanto daquela estação de saúde, e fazem dela esse doce abrigo remansoso e abençoado, para que os que carecem de pedir à natureza, em regaços como daquele, restauração das forças do espírito e do corpo. Friburgo despojada do seu instituto público de Hidroterapia e habitada pela maruja, não seria mais Friburgo. Toda a população adventícia, que o cobiça seis meses em cada ano, desertaria (...) O resultado seria a decadência, a ruína, a extinção daquela colônia formosa e prestantíssima em breve tempo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 9 set.1889. p.1).

Todo o debate que acompanhamos ao longo deste artigo, envolvendo a possível negociação do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, evitou a concretização da venda para a Marinha do Brasil. Porém, não conseguiu prolongar o funcionamento do estabelecimento de duchas, que fechou suas portas em 1895. Em 1897, Maria Florisbella de Bastos Eboli, viúva do médico italiano Carlos Eboli, vendeu o prédio às Irmãs Dorotéias Maria Alexandrina do Carmo e Silva e Feliciano Amélia Ribeiro

---

<sup>1</sup> Única edição disponibilizada de forma digital pela Fundação Dom João VI. Não apresenta data.

de Portugal para a instalação do Colégio Nossa Senhora das Dores <sup>2</sup>, onde está instalado até hoje. A grande referência de saúde da época, então, foi se transformando na memória da população, sendo atualmente amplamente reconhecido como referência na educação friburguense (PROENÇA, 2017).

### **Considerações finais**

Antes de concluir este artigo, devemos alertar ao leitor quanto a análise de publicações de jornais. Quando trabalhamos com jornais como fontes principais devemos compreender que eles representam um duplo papel: são agentes históricos, não imparciais, e que contribuem para a construção de uma narrativa que correspondem a posição social, política e econômica de quem os escreve; ao mesmo tempo em que são veículos de registros e produtos das relações sociais nas quais estavam inseridos. Por isso, é interessante acompanhar a imprensa como espaço de concepções de diferentes vertentes e palco de disputas e negociações entre as diversas possibilidades de pensamento (MOREL, 2014), principalmente em relação à saúde, cujas diferentes teorias e correntes diferentes coexistiam no século XIX.

Através dos seus editoriais, conseguem moldar a opinião pública, iniciar debates, desencadear ou prevenir mudanças sociais e políticas. Os editoriais que analisamos, por exemplo, se colocam como porta-voz da população de Nova Friburgo contra a venda do *Instituto Sanitário Hidroterápico* para a Armada Imperial, apresentando um leque de argumentos que o próprio diretor do estabelecimento à época, o médico Theodoro Gomes, identificou estarem envolvidos por questões pessoais, políticas e científicas.

E, mesmo envolvida nesta controvérsia, a Marinha do Brasil não desistiu de estabelecer em Nova Friburgo um hospital que atendesse seus militares. Em 1910 foi instalado o Sanatório Naval de Nova Friburgo no antigo Pavilhão de Caças do Barão de Nova Friburgo, onde, além do beribéri, passou a receber os enfermos de tuberculose. Neste hospital ainda foi construída uma ala para a prática hidroterápica, que continuou sendo utilizada durante a primeira metade do século XX na recuperação da saúde dos pacientes ali atendidos.

---

<sup>2</sup> FUNDO de Administração Municipal de Nova Friburgo, Caixa 19, documento 6340.

## Bibliografia

### Fontes:

*A HYDROTERAPIA EM NOVA FRIBURGO*. **A Lanterna**, 1905. Disponível no acervo digital de periódicos da Fundação Dom João VI de Nova Friburgo.

AZEVEDO, José da Costa. *Instruções para o serviço da enfermaria provisória estabelecida em Nova Friburgo*. **Revista Marítima Brasileira**, 1889. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

CARVALHO E SOUZA, Bento. *Enfermaria dos Beri-Béricos*. **Revista Marítima Brasileira**, 1889. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário e Guia Médico**. 18ª edição. Paris: Typografia de Roger e F. Chernoviz, 1908.

GOMES, Theodoro. *Beriberi na Armada*. **Jornal do Commercio**, de 4 de outubro de 1889. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

FERRAZ, Francisco da Costa. *O Beri-Beri na Marinha*. **Diário de Notícias**, de 8 de outubro de 1889. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

*FUNDO de Administração Municipal de Nova Friburgo*, Caixa 19, documento 6340.

*O BERI-BERI EM FRIBURGO*. **Diário de Notícias**, de 13 de julho de 1889. p.1. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

*O BERI-BERI EM FRIBURGO*. **Diário de Notícias**, de 9 de setembro de 1889. p.1. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

*O BERI-BERI NA MARINHA*. **Diário de Notícias**, de 11 de outubro de 1889. p.1. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

*OS BERI-BÉRICOS EM FRIBURGO*. **Diário de Notícias**, de 02 de outubro de 1889. p.1. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

### Referências:

ARÊA, José. **Publicação comemorativa do cinquentenário do Sanatório Naval em Nova Friburgo**. Publicado pelo Capitão de Mar e Guerra Dr. Victor Jayme Vieira. 1960.

FRANÇA, Mário Ferreira. **Notícia histórica do Sanatório Naval em Nova Friburgo**. Imprensa Naval, Rio de Janeiro: 1961.

MOREL, Marco. *O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais*. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, Brasil, v. 3, n. 3, p. 17–30, 2014. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/13620>. Acesso em: 26 dez. 2025.

PROENÇA, Anne Thereza de Almeida. **Vida de médico no interior fluminense: a trajetória de Carlos Eboli em Cantagalo e Nova Friburgo (1860-1880)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2017. Disponível em [http://www.ppqhcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao\\_Anne\\_proenca.pdf](http://www.ppqhcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_Anne_proenca.pdf). Acesso em: 20 dez. 2025.

PROENÇA, Anne Thereza de Almeida. Senhor Vereador Doutor: as frentes de atuação de Carlos Eboli na Câmara Municipal da Vila de Nova Friburgo (1870-1880). IN COSTA, Ricardo da Gama Rosa e GUIMARÃES, Fernanda (orgs.). **Memórias do Legislativo Friburguense: 200 anos de História da Câmara Municipal de Nova Friburgo**. Nova Friburgo/RJ: Editora Bemdita Comunicação Criativa, 2020.

PROENÇA, Anne Thereza de Almeida. *Carlos Eboli e a cura pela água no interior fluminense do século XIX: uma análise de Hydrotherapia*. *Revista Brasileira de História das Ciências*. Rio de Janeiro. Vol. 1, N. 1, Jan-Junho/ 2024. Disponível em <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/988>. Acesso em: 20 dez. 2025.

SIGAUD, José Francisco Xavier. **Do Clima e das Doenças do Brasil ou Estatística Médica desse Império**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

VIGARELLO, Georges. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

---

#### **Anne Thereza de Almeida Proença**

Graduada em Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Filosofia Santa Doroteia (2012). É Especialista em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (2015), Mestre (2017) e Doutora (2022) em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Concentra sua pesquisa na área da assistência à saúde no interior da antiga Província do Rio de Janeiro do século XIX, com destaque para a região do Vale do Paraíba Fluminense. Sua dissertação, "Vida

de Médico no Interior Fluminense: a Trajetória de Carlos Eboli em Cantagalo e Nova Friburgo (1860-1880)", foi indicada ao prêmio de Melhor Dissertação da Sociedade Brasileira de História das Ciências (2018).

---